

## **O sentido da vida e a questão do transcendental: considerações filosóficas a partir da primeira fase do pensamento de Ludwig Wittgenstein.**

The meaning of life and the question of the transcendental: philosophical considerations from the first phase of Ludwig Wittgenstein's thought.

*Ana Cláudia Archanjo Veloso Rocha*<sup>1</sup>

**RESUMO:** Ludwig Wittgenstein entende as questões da filosofia da linguagem como eixo condutor do seu constructo filosófico. Neste aspecto, sempre estiveram presente no seu pensamento, temas que fazem parte da chamada esfera mística: ética, estética e religião. Para maior definição da nossa proposta, abordaremos especificamente o que tange a esfera da ética. Esta por sua vez é partícipe e constituinte do que Wittgenstein entende por esfera mística. Para o filósofo, o sentido ético da vida encontra-se na referida esfera e, portanto, no que ele chama de limite do mundo. É na esfera do sentido da vida, que o filósofo lança sua compreensão acerca do aspecto transcendental. Assim, os objetivos da nossa comunicação serão: a) compreender o sentido da vida; b) entender a compreensão filosófica do autor para o termo transcendental; c) apresentar a ética como transcendental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sentido da vida; transcendental; Wittgenstein

**ABSTRACT:** Ludwig Wittgenstein understands the questions of the philosophy of language as the guiding axis of his philosophical construct. In this respect, themes that are part of the so-called mystical sphere have always been present in their thinking: ethics, aesthetics and religion. To further define our proposal, we will specifically address what concerns the sphere of ethics. This in turn is participant and constituent of what Wittgenstein understands by mystical sphere. For the philosopher, the ethical meaning of life lies in the said sphere, and therefore in what he calls the limit of the world. It is in the sphere of the meaning of life that the philosopher launches his understanding of the transcendental aspect. Thus, the objectives of our communication will be: a) to understand the meaning of life; b) understand the author's philosophical understanding of the term transcendental; c) presenting ethics as transcendental.

**KEYWORDS:** meaning of life; transcendental; Wittgenstein.

---

<sup>1</sup>Bolsista CAPES. Professora do Departamento de Filosofia da Unimontes MG. Mestre em Filosofia pela FAJE. Doutoranda em Ciências da Religião pela PUC-MG. Orientador: Prof. Dr. Flávio Senra. Contato: anaclaudia.archanjovrocha@gmail.com

## **Introdução**

O artigo tem por objetivo, delinear o entendimento do filósofo Ludwig Wittgenstein, tendo em vista o sentido ético contido na expressão “sentido da vida”. Para o filósofo austríaco, Ludwig Wittgenstein, a expressão é dotada do aspecto que transcende os fatos do mundo. Neste caso, o pensador utiliza-se do termo transcendental. Em breves palavras, o significado de transcendental, decorrente do pensamento do autor, em especial na sua primeira fase, não estabelece conexão com o significado mais utilizado do respectivo termo. Nossa hipótese baseia-se nas afirmações, de que o filósofo trata tão e somente do limite do mundo e não o que há para além dele. Assim, a experiência mística é uma dimensão do limite do mundo, uma espécie de semi-imanência. É nessa dimensão que a expressão “sentido da vida” ganha seu aspecto ético. Ou seja, o sentido da vida, não está no mundo, mas em seu limite e para vislumbrar fragmentos deste sentido que na terminologia do autor se mostra, somente através de uma experiência mística.

### **1. Por que a expressão sentido da vida ao invés de significado da vida?**

O primeiro ponto a ser observado em nossa comunicação é acerca do termo “sentido”. Faz-se necessário diferenciar do termo “significado”, em especial quando tratamos tanto de Tolstói quanto de Wittgenstein.

Para significado, compreendemos o fato linguístico correspondente na realidade.

Quanto ao termo “sentido”, Hans Johann Glock afirma que: “O sentido de uma proposição (...) é uma possibilidade, uma combinação potencial de objetos que não precisa necessariamente realizar-se”. (p.332). Compreendemos que há uma compreensão daquilo que está sendo expresso, no entanto sem a necessidade de contato direto com um fato da realidade, haja vista ser uma possibilidade.

Assim, consideramos tal orientação para que possamos utilizar com maior clareza a expressão “sentido da vida” e não “significado da vida”. Neste aspecto, o pesquisador Jorge Vicente Arregui, estabelece a seguinte distinção:

Apenas a visão do mundo como todo limitado, permite compreender que, enquanto o sujeito<sup>2</sup> que supera o mundo, a linguagem e a ciência, não cabe um questionamento teórico do significado da vida. A divisão entre sujeito e linguagem é tão radical que não é possível uma abordagem teórica sobre o sujeito. Todo o conhecimento científico sobre o sujeito tem de ser superado, porque alcança somente o sujeito empírico, mas não o transcendental, e em consequência não é possível um questionamento teórico do significado da vida. Por isso, os problemas que parecem mais profundos, não são verdadeiramente problemas (cf. TLP, 4.0003). A questão sobre o sentido da vida, não é uma questão teórica, mas prática”<sup>3</sup>. (ARREGUI, 1984, p.102)

Sobre o sentido da vida, entendemos que a compreensão filosófica, tanto de Leon Tolstói, quanto de Ludwig Wittgenstein, estão a remeter-se aquilo que motiva a existência do sujeito em sua completude, em termos práticos e que, portanto, tal sentido não pode ser definido por palavras, mas somente, através da busca por experiências chamadas místicas, as quais estão para além do significado.

No caso dos autores, percebemos que ambos buscaram o alcançar o sentido da vida, embora passem por reflexões, as experiências mostram-se de suma importância.

## **2. Sobre o sentido da vida em Wittgenstein**

Foi durante o período de guerra que Wittgenstein encontrou o sentido da vida, conforme escreveu nos *Diarios Secretos* em 09 de maio de 1916 “ É a morte e não outra coisa, o que dá sentido para a vida” (Wittgenstein, 2008, p.149). Ao findar a guerra, o filósofo fez a seguinte revelação ao seu sobrinho Felix Salzer: “A guerra me salvou a vida, sem ela não sei o que teria sido de mim” (REGUERA, 2008, p. 173). Wittgenstein experienciou durante a guerra situações-limite, as quais são capazes de transformar a perspectiva de mundo, alterar concepções, reformular ou mesmo renovar ideias. E é a partir dessa experiência que a última parte do *Tractatus*, que versa sobre ética, estética, Deus e o sentido da vida, é escrita.

---

<sup>2</sup> Sujeito deve ser entendido como o sujeito transcendental ou metafísico.

<sup>3</sup> Nossa tradução.

Wittgenstein não era um homem de fazer concessões, e por toda a sua vida buscou aquilo que lhe parecia mais importante: a conduta ética. Era uma batalha interior. Sentia-se um grande fracassado: “É como se a sua vida fosse uma batalha continua com a sua própria natureza” (MONK, 1995, p.19). Considerava-se um homem pecaminoso, e somente Deus seria capaz de libertá-lo das sensações desprezíveis – dignas de auto-punição – e da condição de pecador. Por isso faz inúmeros apelos a Deus nos *Diarios Secretos*. Eis as seguintes palavras do filósofo escritas nos *Diarios Secretos* em 30 de abril de 1916: “ Deus é o único que o ser humano necessita”. O tema da espiritualidade sempre foi digno do apreço do jovem filósofo. Para Wittgenstein é o caminho que leva ao sentido da vida.

Compreendemos que as colocações do filósofo partem de suas reflexões, não é confessional ou ligada a doutrinas religiosas. O que ele está buscando é o sentido da vida que está na esfera transcendental, portanto busca perceber o mundo como uma totalidade. Assim, afirma que “ a vida é o mundo”. A vida está na compreensão da totalidade do mundo. Nesta percepção, esta busca pelo sentido que é a ética do filósofo, em nosso entendimento, fundamenta-se pela busca do sentido da existência na própria existência sem vínculo com o religioso, portanto fundamenta-se em uma experiência de espiritualidade laica. É este fundamento, que Wittgenstein utiliza em sua busca pelo sentido da vida, quando define a esfera mística como lugar do ético. Haja vista que para o filósofo, o transcendental não está relacionado ao aspecto da divindade, mas aquilo que transcende o mundo sem ter o respectivo aspecto.

Quando o filósofo, atribui a ética a questão do sentido da vida, precisamos esclarecer que a mesma, encontra-se no transcendental. O filósofo atribui ao plano transcendental a perspectiva de perceber o mundo sob uma totalidade limitada. Assim, os valores que dão sentido à vida, também estão no plano transcendental. Nesse aspecto, o mundo do feliz é proveniente de uma boa vontade e está ligado à contemplação do mundo em sua totalidade. O indivíduo percebe a incapacidade de mudar o mundo que já é uma realidade objetivada, acalma-se ante esta incapacidade e muda a si mesmo, alterando assim seus próprios limites e proporcionando uma real mudança no mundo. Esta é a vida do homem feliz, que domina a vontade individual e se torna capaz de contemplar o sentido da vida. Ao contrário, o homem infeliz não atinge tal contemplação, uma vez que é incapaz de dominar a vontade individual. Ele almeja controlar o mundo de acordo com a sua própria vontade, agindo, portanto, egoisticamente. O homem infeliz tenta modificar o mundo de acordo com a sua vontade. Como isso não é possível, ele sofre desnecessariamente.

Em nossas breves observações, compreendemos que Tolstói, não vislumbra a possibilidade do conhecimento científico oferecer a resposta para a questão do sentido da vida.

Essa mesma perspectiva faz parte das considerações filosóficas acerca da busca pelo sentido da vida, na primeira fase do pensamento de Wittgenstein. Vejamos a afirmação do filósofo, nos aforismos tractatianos 6.52 e 6.521:

Sentimos que, mesmo que todas as questões científicas *possíveis* tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados. É certo que não restará, nesse caso, mais nenhuma questão; e a resposta é precisamente essa.

Percebe-se a solução do problema da vida no desaparecimento desse problema. (Não é por essa razão que as pessoas para as quais, após longas dúvidas, o sentido da vida se fez claro não se tornaram capazes de dizer em que consiste esse sentido?)

Quando Wittgenstein afirma que caso todas as perguntas científicas tenham sido respondidas, os problemas da vida não terão sido tocados, entendemos que isto se deve ao fato de que o problema do sentido da vida não está no mundo, mas fora dele. Não há pergunta científica que possa contemplar o sentido da vida, pois o discurso racional não é capaz de responder a questões transcendentais. Por conseguinte, o chamado “problema da vida” deixa de existir, haja vista que não faz parte do mundo. Por fim, as soluções para tais reflexões não se encontram no mundo, mas no seu limite.

Sobre o sentido da vida, reportamos a declaração do filósofo, datada de 11.06.1916:

Que sei eu acerca de Deus e da finalidade da vida?

Sei que o mundo existe.

Que estou nele como o meu olho no seu campo visual.

Que algo nele é problemático, a que chamamos o seu sentido.

Que este sentido não reside nele, mas fora dele.

Que a vida é o mundo.

Que a minha vontade penetra o mundo.

Que a minha vontade é boa ou má.

Que, portanto, o bem e o mal se conectam, de algum modo, com o sentido do mundo.

Ao sentido da vida, isto é, ao sentido do mundo, podemos chamar Deus.

E a metáfora de Deus como pai está a isso ligada.

Orar é pensar no sentido da vida.

Não posso dirigir os acontecimentos do mundo segundo a minha vontade, sou totalmente impotente.

Posso apenas tornar-me independente do mundo – e assim, de certo modo, dominá-lo – ao renunciar a uma influência sobre os acontecimentos. (WITTGENSTEIN, 1998, p.108)

Quando Wittgenstein questiona o que sabe acerca de Deus e da finalidade da vida, ela já estabelece uma relação entre ambos, haja vista, a utilização da conjunção aditiva “e” que implica uma ligação, união de uma coisa com a outra. No caso uma associação entre Deus e a finalidade da vida. Daí segue as respostas advindas das suas experiências pessoais. Recordamos que na proposição tractatiana 6.432, ele afirma que Deus não se revela no mundo. Nesta declaração, escrita simultaneamente ao TLP, o filósofo nos diz que a vida é o mundo e que o sentido do mundo, logo também o sentido da vida, não está no mundo. Ambas as afirmações nos direcionam para a dedução de que o sentido e Deus não podem ser fatos porque não estão no mundo. Dessas anotações decorre uma inferência significativa: Deus é o próprio sentido do mundo e, por conseguinte da vida.

Apesar desta afirmação, nosso entendimento é que Wittgenstein não direciona seu pensamento para discutir os atributos divino, mas sim reforçar a ideia de que o sentido do mundo está para além dos fatos, assim como a ideia de Deus. Em outras palavras, não é possível figurar Deus.

Segundo Spica,

Não é do interesse de Wittgenstein mostrar quais são os atributos divinos que compõe tal ser, mas elucidar que independente dele existir como Deus cristão, muçulmano, judeu ou asteca, a divindade dá sentido à vida. É por isso que a oração se torna uma reflexão sobre o sentido da existência”. (SPICA, 2011, p.221)

É neste aspecto que percebemos uma espiritualidade. Assim, a espiritualidade laica se mostra através dos termos considerados sem sentido, por não serem passíveis de descrição,

já que não pertencem ao âmbito do discurso racional, deixando transparecer uma espiritualidade desvinculada da religiosidade.

### 3. A dimensão do místico

Para esta parte de nossa comunicação, começamos com os seguintes aforismo:

6.44 O que é místico não é como o mundo é mas que ele seja.

6.45 A intuição do mundo *sub specie aeterni* é a intuição dele como um todo limitado. É místico o sentimento do mundo como um todo limitado.

A esfera mística circunscreve a essência do próprio mundo e das múltiplas possibilidades de existência dos fatos do mundo; o místico é a essência do mundo, assim, o mundo é limitado e por conseguinte, sua essência, também o é.

É na esfera do místico onde se encontra o ético, o estético e o religioso. O âmbito do místico refere-se àquilo que há de mais importante: o inefável que se mostra que, por conseguinte, é indizível.

Para Wittgenstein, a ética é de aspecto transcendental e está ligada ao absoluto. Isto implica que a ética pertence ao âmbito do místico. Nessa linha de análise, Wittgenstein entende que a ética é indizível, revelando-se problemática a sua relação com os fatos.

Nossa compreensão, quando Wittgenstein trata as respectivas esferas como inefáveis, é a impossibilidade destas serem figurativas no sentido tractatiano, apesar disto, não representa uma impossibilidade de expressão. A saber, formas de expressão tais como a arte, gestos ou orações são perfeitamente admissíveis para aquilo que se encontra no âmbito do místico. Para Spica “a ética, a estética e a religião se mostram na ação do sujeito volitivo, no modo dele viver”. (SPICA, 2011, p. 73).

Assim sendo, a subjetividade do sujeito volitivo não é um elemento referencial, no entanto é pessoal, no sentido de que é algo que perpassa o existir humano, por isso concordamos que a ética é uma configuração do modo de viver. Neste sentido, Barret afirma que:

(...) interpreta o que há de um modo que seja ininteligível ou inaceitável para pessoas razoáveis, ainda que a outras coisas possa ter prejuízo. Ainda que alguém

não compartilhe sua experiência, e nessa medida não possa entender totalmente do que se está falando, não pode dizer que contradiz algum dado sensorial ou que o que diz é manifestamente contrario a algum dado disponível do tipo que seja. (BARRET, 1994, p.117)

Assim sendo, ela está ligada à contemplação silenciosa. Por esse motivo, em nenhum momento de seus escritos é possível encontrar uma definição clara da ética. Temos, no máximo, direcionamentos do autor para que a ética possa ser mais bem compreendida.

Para este ponto, destacamos que o místico é algo que se sente e por conseguinte, não ultrapassa os limites do próprio mundo é um sentimento para além do mundo, no entanto no limite dele. Assim, destacamos que o ponto referencial da esfera mística é o mundo. Destarte o místico que relaciona-se ao transcendental não adequa-se à características em termos tradicionais de sentido.

O filósofo não fala para ir além do mundo, mas à limitação do próprio mundo.

Os escritos anteriores ao *Tractatus Logico Philosophicus*, os *Cadernos 1914-1916*, o filósofo afirma que:

O impulso para o místico provém da insatisfação dos nossos desejos mediante a ciência. Sentimos que, mesmo se todas as questões científicas possíveis obtivessem uma resposta, o nosso problema nem sequer foi tocado. É claro que então já não resta mais questão alguma; e tal é justamente a resposta. (WITTGENSTEIN, 1998, p. 77)

É neste entendimento de compreender o mundo para além dos fatos, porém na dimensão da imanência.

Para maior fundamentação acerca da temática que envolve o transcendental, buscamos a obra de Schopenhauer. Segundo Margutti:

Schopenhauer se coloca num ponto de vista gnosiológico. Ele parte da representação, que é explicada pela interação entre sujeito e objeto, ambos tomados como condições transcendentais de possibilidade da própria representação. (MARGUTTI, 1998, p.260)



Um dos principais traços da filosofia schopenhaueriana que foi absorvido por Wittgenstein é a sua concepção de que a verdadeira realidade só pode ser atingida através de uma intuição de caráter ético-metafísico. Isso se baseia no conceito de *sujeito transcendental* ou *sujeito metafísico*, que se encontra no limite do mundo – fora, portanto, do espaço, do tempo e da causalidade. É esse sujeito transcendental que contempla a verdadeira realidade, através do processo que Schopenhauer denomina *negação da vontade*.

#### **4. A noção de transcendental alcançada a partir do entendimento da esfera mística.**

Quando Wittgenstein utiliza o termo transcendental, especificamente, no aforismo tractatiano “6.421 É claro que a ética não se deixa exprimir. A ética é transcendental”, entendemos que o filósofo não utiliza o termo no sentido da tradição judaico cristã. Neste caso, o termo faz referência direta a Deus e a seus atributos, dentre estes, o aspecto da infinitude. Esta não é a compreensão de Wittgenstein.

O filósofo utiliza o termo transcendental para referir-se ao âmbito do místico. Para Wittgenstein, o termo transcendental é um dos aspectos da esfera mística, e neste caso, o transcendental é o limite do mundo, a saber, aquilo que está fora do mundo, porém não é limitado por ele, nem pelo espaço, nem pelo tempo.

Em nossa interpretação, o transcendental é limitado e finito por estar relacionado com o mundo ainda que esteja para além dele. Assim, o transcendental ultrapassa os fatos do mundo, mas não ultrapassa seus limites. E embora soe como um contrassenso, entendemos que o transcendental é limitado aos limites do mundo. Sendo assim, o que o filósofo entende por transcendental, pelo fato de estar relacionado ao sujeito transcendental, não ultrapassa os limites da imanência.

A questão da transcendência do mundo significa percebê-lo imanente, como um todo em sua totalidade para além dos fatos. A esfera que está para além dos fatos do mundo é o místico.

Neste caso, há uma espécie de semi-imanência.

Entendemos que esta limitação ocorre em função da dimensão que tem acesso à dimensão do místico, ou seja, o sujeito transcendental. A dimensão do sujeito transcendental é essencialmente parte do ser humano, que por sua vez tem sua natureza limitada. Apesar desta limitação, a dimensão do sujeito transcendental, através dos mecanismos da experiência mística, alcança a esfera mística, tendo como única ação possível a contemplação silenciosa.

Apesar de a lógica se mostrar nas estruturas do mundo, fazendo-se refletir no empírico, a natureza dela também é transcendental: “A lógica não é uma teoria, mas uma imagem especular do mundo. A lógica é transcendental” (aforismo 6.13). Ela fornece as condições transcendentais de possibilidade da linguagem descritiva, no entanto, essa mesma linguagem não pode falar sobre a forma lógica. A lógica estrutura o espaço lógico dentro do qual se inserem os fatos mundanos: ela é transcendental porque envolve as condições de possibilidade dos fatos que constituem o mundo.

Segundo Margutti:

Daí o apelo ao mostrar lógico, que revela algo presente na proposição dotada de sentido, como sua condição de possibilidade, mas que não pode ser descrito através de uma proposição. Isto significa postular que aquilo que se mostra logicamente só pode ser contemplado pelo sujeito transcendental, mas numa perspectiva diferente do mostrar místico.(MARGUTTI, 2006, p.30)

O mostrar lógico é inerente à linguagem e ao mundo, constituindo a essência de ambos e mostrando-se nas proposições e nos fatos que elas descrevem.

Destacamos neste ponto, algumas considerações acerca do que Wittgenstein intenciona dizer a respeito do sujeito transcendental<sup>4</sup> é que existe em cada um de nós e funciona como o terceiro olho (da tradição hinduísta que tem a capacidade intuitiva e a sutil percepção). Esta dimensão humana, que está em constante contato com o místico, em determinado momento se manifesta de maneira inexplicável e percebe o mundo de outra maneira, como uma totalidade limitada.

O sujeito transcendental, chamado por Wittgenstein de eu metafísico, é a única parte do ser capaz de ver o mundo como totalidade limitada. O ponto de interseção entre o mundo e o místico é o sujeito transcendental.

A dimensão do sujeito metafísico caracteriza-se por estar situada nos limites do mundo. Dessa posição privilegiada, é possível ver a essência do mundo, o *quid*, que pertence à esfera do místico. É no âmbito desse último que se encontra tudo que é de natureza transcendental, tudo o que não pode ser dito, mas apenas mostrado.

---

<sup>4</sup> Nomenclatura schopenhauriana.

A relação entre o sujeito metafísico e aquilo que se mostra envolve uma espécie de intuição ou contemplação. Com efeito, se o que se mostra é indizível, resta ao sujeito que foi agraciado pela mostraçãoreter-se em silêncio, permanecendo em profunda imersão no que foi contemplado e em paz consigo mesmo. Encontra-se ele sem poder nem querer dizer nada sobre o assunto, por saber que não seria capaz de relatar algo oriundo de uma experiência tão profunda e pessoal.<sup>5</sup>

A saída é o silêncio beatificador que envolve a atmosfera da ética. O filósofo austríaco entende que o silêncio é a única maneira pela qual o ético pode ser propriamente revelado.

O silêncio proposto por Wittgenstein deve-se ao fato de que a parte crucial de sua filosofia está na mostraçãodo transcendental, que não pode ser colocado em palavras. O que pode ser dito pertence ao âmbito das proposições da ciência natural, que descrevem fatos. Assim, sempre que alguém tentar dizer algo pertencente à esfera transcendental, ou seja, algo de caráter metafísico, será preciso mostrar-lhe que está tentando falar sobre algo que não pertence ao mundo e que essa tarefa é impossível. A tentativa de falar sobre a esfera transcendental sempre envolve um desrespeito à lógica da linguagem, que pode ser caracterizado como usar um signo sem o correspondente significado. Isso faz com que o método correto em filosofia seja justamente mostrar que certa proposição metafísica não passa de contrassenso porque deixou de atribuir significado a algum de seus elementos constitutivos.

Ainda no que tange ao silêncio, verificamos o aforismo 6.54. Sobre este aspecto, podemos entender que o silêncio é o último degrau da escada de Wittgenstein:

Minhas proposições elucidam dessa maneira: quem me entende acaba por reconhecê-las como contrassensos, após ter escalado através delas – por elas – para além delas. (Deve, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela.)  
Deve sobrepujar essas proposições, e então verá o mundo corretamente.

A escada tenta estabelecer os limites do dizível. Essa tarefa é realizada de maneira suicida pelas proposições do *Tractatus*, ao pretenderem significar o que pode ser mostrado e não pode ser dito. Apesar do suicídio da linguagem, o resultado final é a clarificação silenciosa acerca dos limites do dizer.

---

<sup>5</sup> Não podemos nem chamar de experiência por ser da ordem do sujeito metafísico, mas por falta de vocabulário, utilizarei o termo em questão.

## Considerações Finais

Ao pesquisarmos os temas 'sentido da vida' e 'transcendental', tendo em vista a primeira fase do pensamento filosófico, percebemos que a abordagem pensada pelo filósofo ultrapassa a teoria filosófica e a nosso ver encontra-se na esfera da sua própria existência.

Wittgenstein passa pela experiência mística e esta o habilita a perceber o sentido da vida. Este sentido, em hipótese alguma pode estar relacionado aos fatos linguísticos, mais especificamente na proposta da linguagem tractatiana, onde os fatos são elementos figurativos.

O sentido da vida somente pode ser transcendental. Este aspecto transcendental, por sua vez, no pensamento wittgensteiniano, é uma espécie de semi-imanência.

Estas foram as considerações finais as quais alcançamos em nossa breve comunicação.

## Referências

ARREGUI, J. V. *Acción y sentido en Wittgenstein*. Espanha: Ediciones Universidad de Navarra, 1984.

BARRET, C. *Ética y creencia religiosa em Wittgenstein*. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

GLOCK, H. J. *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MARGUTTI PINTO, P. R. *Iniciação ao Silêncio – análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 1998.

MARGUTTI PINTO, P. R. A questão do sujeito transcendental em Wittgenstein. In: Moreno, Arley (org). *Wittgenstein. Ética – Estética – Epistemologia*. Campinas: Unicamp/CLE, 2006, p. 30.

MCGUINNESS, B. *Wittgenstein. A life. Young Ludwig 1889-1921*. The University of Califórnia Press. Berkeley/ Los Angeles/London, 1988. p.204,238. *Apud* Reguera, Isidoro. *Cuadernos de Guerra*. Wittgenstein, L. *Diarios Secretos*. Trad. Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza, 2008, p. 173.

MONK, R. Wittgenstein. *O dever do gênio*. Trad. C. A. Malferrari. São Paulo: Cia. das Letras. 1995.

SPICA, M. A. *A religião para além do silêncio: reflexões a partir dos escritos de Wittgenstein sobre religião*. Curitiba: CRV, 2011.

TOLSTOI, L. *The Gospel in Brief*. Lincoln and London: Un. of Nebraska Press, 1997.

WITTGENSTEIN, L. *Cadernos 1914-1916*. Trad. João Tiago Proença. Portugal: Edições 70, 1998.

WITTGENSTEIN, L. *Conferência sobre Ética*. Trad. Darlei Dall'Agnol. In: *Ética e Linguagem*. 3ª ed. São Leopoldo: Unisinos, 2005, p. 215-224.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luis Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 2008.